

Edson Lenine Gomes Prado

Universidade Federal de Goiás
eprado@lemonde.fr

CHAUI, Marilena. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 326 p. (Coleção Tópicos).

Esta coletânea apresenta quatro ensaios de Marilena Chauí sobre a obra do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), além de uma tradução – feita pelo professor Renato Janine Ribeiro – de três cartas, duas de Sartre e uma de Merleau-Ponty, esclarecedoras do contexto e das razões da ruptura definitiva ocorrida entre os dois pensadores no início dos anos 50. Autora de uma tese de mestrado, defendida em 1967, com o título *Maurice Merleau-Ponty e a crítica ao humanismo*, os ensaios que Marilena Chauí reúne nesse novo livro apresentam as grandes linhas de sua interpretação da filosofia merleau-pontyana expostas não somente na tese defendida nos anos 60, mas sobretudo daquela presente nas pesquisas que vem desenvolvendo sobre o filósofo ao longo dos últimos 25 anos.

O primeiro ensaio, intitulado “Experiência do pensamento”, é talvez o mais importante uma vez que nele a autora apresenta uma exposição detalhada de todo percurso de Merleau-Ponty, que partiu da fenomenologia husserliana e “chegou à ontologia do Ser Bruto” (p. vii). Organizado em três grandes partes, nele acompanhamos os desdobramentos da interrogação merleau-pontyana desde as primeiras obras, assim como compreendemos as razões que fizeram o filósofo abandonar o projeto de uma fenomenologia da percepção e buscar uma ontologia do sensível através da reelaboração da noção de experiência.

No segundo ensaio, “Obra de arte e filosofia”, a autora examina o lugar das artes no pensamento de Merleau-Ponty, em especial da pintura e da literatura, “como interrogação sobre o corpo reflexivo e sobre o ser do visível e do invisível” (p. vii). Composto em quatro movimentos e tendo como ponto de partida uma nota de trabalho de *Le visible et l’invisible*, nesse ensaio a autora elucida algumas noções importantes da última fase do pensamento do filósofo tais como “experiência”, “criação”, “Espírito Selvagem”, “Ser Bruto”, além de expressões como “deiscência da Carne” e “fissão no Ser”, mostrando como, para Merleau-Ponty, a arte ensina ao filósofo que a reflexão “não é privilégio da consciência nem essência da consciência, mas que esta recolhe uma reflexão mais antiga que a ensina a refletir” e que é precisamente a “reflexão corporal” (p. 179).

No terceiro ensaio, “A noção de estrutura em Merleau-Ponty”, Chauí analisa a apropriação e reelaboração da noção de estrutura efetuada pelo filósofo, no intuito de ressaltar o papel que ela possui “em vista de uma ontologia que recusa a oposição entre fato e essência, coisa e pensamento” (p. viii). Retomando a noção de estrutura desde as primeiras obras, em cinco movimentos a autora mostra como o emprego filosófico dessa noção contribuiu para que Merleau-Ponty chegasse a “uma nova racionalidade, livre do intelectualismo e subjetivismo filosóficos e do realismo e objetivismo científicos”, tornando-se ainda o campo para a elaboração de uma ontologia na qual “as coisas e as idéias, os fatos e as significações, o mundo e o pensamento” se apresentassem como “dimensões simultâneas de um ser indiviso e internamente diferenciado” (p. 218).

Finalmente o quarto e último ensaio, “Filosofia e engajamento”, foi escrito para apresentar as três cartas que marcam a ruptura entre Sartre e Merleau-Ponty e elucidam não só o momento histórico dessa ruptura, mas mostram-na também “como algo que se preparava no interior das obras filosóficas de ambos” (p. viii). Composto em duas partes, nesse ensaio Chauí apresenta brevemente o contexto cultural e político da França e do mundo “durante a época turbulenta da Quarta República francesa” (p. 257), em especial os

anos que vão de 1945 a 1956, assim como dá algumas indicações importantes para a demarcação da origem e das diferenças dos projetos filosóficos de Sartre e Merleau-Ponty.

Ao ler os ensaios notamos que, para Chauí, a originalidade do pensamento de Merleau-Ponty reside precisamente no fato de que este reorganiza as questões contemporâneas no próprio solo da filosofia do século XVII. Por isso, o interesse da autora em compreender a

maneira como a interrogação de Merleau-Ponty se debruça sobre o que designa como ‘tradição cartesiana’, isto é, o dualismo corpo-consciência, fato-idéia, sujeito-objeto, que marcou o pensamento ocidental com as filosofias da consciência e o objetivismo científico. (p. vii)

Leitora de Espinosa e de maneira geral de toda filosofia do século do “grande racionalismo”, Marilena Chauí identifica que a interrogação filosófica merleau-pontyana desenvolve um “motivo central” que reside sobremaneira numa constante “preocupação” com a tendência que tem o pensamento – tomado pelo “impulso de possuir intelectualmente o mundo” – de “enrijecer a face espontaneamente realista da fé perceptiva” e, inversamente, de “intumescer a face espontaneamente subjetivista” (p. 52).

Como mostra a autora, para Merleau-Ponty o dualismo substancial inaugurado por Descartes está na raiz de uma “crise” que se instaurou nas ciências e na filosofia modernas. Entretanto, isso é importante, pois, para o filósofo, a superação dessa crise é pensada precisamente nos termos de uma retomada da filosofia clássica, buscando “o descentramento sem alarde” através de “um trabalho corajoso e paciente”, desmanchando “o tecido da tradição puxando os fios da não-coincidência” (p. 4). Segundo Chauí, o trabalho filosófico de Merleau-Ponty

está empenhado numa interrogação permanente da razão e da experiência para conduzi-las a uma racionalidade alargada

[...] capaz de alcançar o universal [...] como universal lateral ou oblíquo, que permite compreender aquilo que em nós e nos outros precede e excede a razão. (p. 197)

Essa interrogação permanente levou Merleau-Ponty “da fenomenologia à busca de uma ontologia do Ser Bruto, fonte da experiência e da razão antes que o pensamento reflexivo delas se aproprie” (p. 197).

Uma das principais preocupações da autora nesses ensaios será então a de tentar apreender a lição legada pelo esforço filosófico merleau-pontyano de retomada da filosofia clássica. Se para Merleau-Ponty tratou-se de efetuar uma arqueologia da crise legada pela ontologia cartesiana, mostrando os equívocos presentes no objetivismo das ciências e no subjetivismo das filosofias da consciência, por outro lado, há que se salientar, essa empresa não fez o filósofo deslizar para o cientificismo do “pequeno racionalismo” do começo do século, nem também encontrar refúgio na supressão da racionalidade. Ao contrário, abordando o problema da racionalidade tal como fora legado pelo século XVII, Merleau-Ponty explicitou todos os meandros da crise da razão moderna dando a ela um tratamento rigoroso. De uma parte, essa atitude contribuiu imensamente para a compreensão da herança cartesiana e, de outra, ela acabou por constituir-se num lugar seguro a partir do qual é possível avaliar as peripécias da nova objetividade e, sobretudo, da filosofia contemporânea.

Levando a crítica da visão metafísica de mundo calcada na dicotomia do para-si e do em-si às suas últimas conseqüências, Merleau-Ponty não deixou de voltar sua interrogação para suas próprias pesquisas. Repensando o conceito de experiência para além dos marcos da fenomenologia, ele desvelou, sobretudo nos últimos escritos, uma caracterização do corpo “como anonimato narcísico e reflexão inacabada”, que, segundo Chauí, não vai encontrar equivalente “nas filosofias universitárias francesas que se intitulam herdeiras de Nietzsche, nem nas psicologias e terapias da ‘expressão

corporal’, centradas no sujeito sem ego” (p. 147). Para Marilena Chauí – essa é uma de suas principais teses nesses ensaios –, a nova caracterização da experiência e do corpo desenvolvida por Merleau-Ponty fez com que o filósofo alcançasse “uma subjetividade inédita” (p. 147).

Tomando os últimos escritos de Merleau-Ponty, em especial *Le visible et l’invisible*, a autora mostra como ele vai se afastando “definitivamente de suas primeiras obras que, fenomenológicas, ainda confundiam a experiência com a noção de comportamento (corporal) e de consciência (perceptiva)” (p. 137). Uma vez abandonado o referencial fenomenológico, Merleau-Ponty pôde finalmente alcançar a experiência “como poder ontológico último” (p. 139). Para explicitar a nova compreensão da experiência a que chegou Merleau-Ponty, a autora, entre outras coisas, ressalta a importância da expressão “fissão no Ser”. Para Chauí, através dela Merleau-Ponty nos leva “de volta ao recinto da encarnação” (p. 162), permitindo-nos não mais explicar a experiência, mas “decifrá-la nela mesma” sem nos separarmos dela (p. 163).

A filosofia cartesiana é então o lugar onde brotam algumas das mais decisivas questões de nossa contemporaneidade. Nesse sentido tratou-se, para Merleau-Ponty, de buscar não uma “supressão imediata” da metafísica e da racionalidade – como acabou fazendo boa parte da filosofia francesa contemporânea (p. 3-5) –, mas de “fazer o luto” das filosofias ancoradas na oposição entre o para-si e o em-si (p. 159). É precisamente nesse “paciente trabalho de luto”, ou seja, nesse trabalho difícil e meticuloso de “desmanchar o tecido da tradição” que encontramos a riqueza do legado merleau-pontyano e, uma vez compreendido isso, podemos não só entender os equívocos da perspectiva “irracionalista” consolidada no pensamento francês nas duas décadas que se seguiram à morte prematura de Merleau-Ponty em 1961, como também temos o solo a partir do qual podemos examinar as razões da polêmica entre Sartre e Merleau-Ponty e do próprio destino do “existencialismo francês”.

Se, por um lado, a filosofia de Merleau-Ponty veio das mesmas fontes que a de Sartre, por outro, é o que Chauí mostra no último ensaio, Merleau-Ponty volta-se “contra elas enquanto herdeiras do intelectualismo” (p. 273). Essa atitude radical levada a cabo pelo filósofo não é efetuada por Sartre que acaba preso à concepção de uma consciência que, “situando-se fora do mundo e diante das coisas, os domina pelo pensamento” (p. 274). Daí as divergências na forma de cada um conceber o engajamento político e compreender as relações entre a filosofia e a política. Não tendo “ultrapassado” o dilema do em-si e do para-si, o autor de *L'être et le néant* acaba por conceber a filosofia “como consciência soberana clandestina, que manobra as posições e opiniões políticas”, enquanto Merleau-Ponty, diferentemente, concebe “a consciência mergulhada no mundo, fazendo-se na relação com ele e que, portanto, não dispõe da chave da história e da política” (p. 280). A atitude de “vigília permanente”, entendida por Sartre como o lugar da liberdade, não será outra coisa para Merleau-Ponty que “irresponsabilidade”, uma vez que a história “não é uma lógica da necessidade absoluta, e a política, a álgebra da história” (p. 280).

Em linhas muito gerais, essas são algumas das idéias presentes nesse livro original sobre o pensamento de Merleau-Ponty. Sua relevância é inegável já que, além de uma interpretação rica e profunda de toda a obra do filósofo, ele nos oferece também a possibilidade de assistir, em plena operação, ao exercício da leitura filosófica, tomada como prática intersubjetiva e crítica. Visando ler e escrever sobre Merleau-Ponty tal como “ele nos ensina enquanto leitor e que podemos praticar ao lê-lo”, ou seja, à luz do interesse do filósofo pelo “pensamento como debate e combate” (p. 31), Marilena Chauí se volta nesses ensaios para a filosofia merleau-pontyana “buscando o debate (inacabado) que sua obra travara com algumas questões que permanecem ainda hoje como solo de nossos próprios pensamentos” (p. 32). Conectando as análises de Merleau-Ponty à revisão crítica que ele efetua da tradição nascida nos marcos da “descoberta da subjetividade”, a autora apresenta uma interpretação

rigorosa e consistente do pensamento desse filósofo que só muito recentemente atingiu o estatuto de importante pensador do século XX.